

MINISTÉRIO DA CULTURA
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO,
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA,
SOFITEL HOTELS & RESORTS
MULTIRIO E BONFILM
APRESENTAM

Material Educativo

Ópera na Tela

Festival de Filmes de Ópera
2016 / 2017

FICHA TÉCNICA DA AÇÃO EDUCATIVA

REALIZAÇÃO E PRODUÇÃO

Bonfilm

DIREÇÃO E CURADORIA

Christian Boudier

CONSELHEIRO ARTÍSTICO, TEXTOS E SUPERVISÃO EDUCATIVO

Maestro Ricardo Prado

AÇÕES EDUCATIVAS

Drica Carneiro

GERENCIAMENTO DO PROJETO

Paula de Oliveira

PROGRAMAÇÃO

Vinícius Fantezia

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

Luzimar Valentim

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Daniela Camargo

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO

Ana Carolina Cerizze

DESIGN GRÁFICO

Mate Lelo Design

AGRADECIMENTOS DA AÇÃO EDUCATIVA

Cleide RAMOS | Aílton FRANCO | Marinete D'ANGELO | Priscilla CARVALHO | Heloisa ANDRADE
Morgana REZENDE | Valéria PEIXOTO | Denise PALHA | Helena BOMENY | Pedro SOARES
Sonja FIGUEIREDO | Ricardo PRADO | Vânia MATOS | Naldo FERRO | Lisia FERNANDEZ
João Guilherme RIPPER | Fundação Theatro Municipal do Rio de Janeiro Secretaria de Estado
de Educação | Secretaria Municipal de Educação | MULTIRIO | Academia Brasileira de Música

Prezado(a) convidado(a),

O Festival Ópera na Tela tem o prazer de convidar alunos e professores para uma experiência singular: assistir a uma ópera no cinema. Nosso objetivo é oferecer um passeio pelo mundo da ópera, com a certeza de que somente no seu encontro com o público a arte cumpre seu papel fundamental. Cativar e incentivar a formação de novas plateias para essa linguagem tão preciosa é o nosso desafio.

Por isso, sob a supervisão educacional do Maestro Ricardo Prado, reservamos aos nossos convidados um programa mais que especial.

São cinco sessões gratuitas da comédia Gianni Schicchi, de Puccini, em uma fantástica montagem produzida e dirigida por Woody Allen para a Ópera de Los Angeles, no Cinema Odeon. Ao início de cada sessão, os expectadores são guiados, pelo Maestro Ricardo Prado, por uma deliciosa viagem pelo universo da ópera. Ao final, alunos e professores receberão este Caderno Educativo com informações sobre os principais aspectos do mundo operístico.

Mais do que formar ou informar, o material foi preparado para proporcionar a criação de um novo repertório, repleto de emoções e possibilidades. Por conta das sensações que provoca, a ópera é um caminho único – e sem volta.

Boa Sessão!

DE 1600 A 1882 MUITA COISA IMPORTANTE NO MUNDO DA ÓPERA ACONTECEU! ACOMPANHE A LINHA DO TEMPO!



1791
Estreia *A Flauta Mágica*, última ópera de Mozart, em Viena, um extraordinário sucesso popular.

1831
Bellini estreia neste ano duas óperas que entram definitivamente para o repertório: *Norma* e *A Sonâmbula*.

1805
Beethoven apresenta a sua única ópera, *Fidelio*, em Viena.

1781
Idomeneo, considerada a primeira ópera da maturidade de Mozart, estreia em Munique.

1770
Primeira ópera séria de Mozart, *Mitridate, re di Ponto* (*Mitridate, rei de Ponto*), conquista grande sucesso em Milão, apesar do compositor ter apenas 14 anos e da apresentação durar seis horas!

1829
Estreia na Ópera de Paris a “grand opera” *Guilherme Tell*, de Rossini. O gênero da “grande ópera”, difundido no século XIX, se caracteriza por ter 4 ou 5 Atos, grandes elencos e orquestras, cenários e efeitos especiais espetaculares para a época.

1808
A Família Real portuguesa desembarca no Rio de Janeiro. Apaixonado por música, especialmente religiosa, D. João VI cria diversas instituições culturais no Brasil, inclusive o Real Theatro São João, que será inaugurado em 1813, onde são apresentadas muitas óperas.

1811
Chega ao Brasil o compositor português Marcos Portugal, consagrado em toda a Europa. Ele terá funções de destaque na corte, dirigirá suas óperas e disputará com o grande compositor brasileiro José Maurício Nunes Garcia.

1832
A ópera cômica *O Elixir do Amor*, de Gaetano Donizetti, estreia no Teatro Cannobiana, em Milão.

1821
Considerada a primeira ópera romântica alemã, estreia em Berlim *Der Freischütz* (*O Franco Atirador*) – de Carl Maria von Weber.

1816
O Barbeiro de Sevilha, de Rossini, estreia no Teatro Argentina, em Roma.

1813
Estreia em Veneza *A Italiana na Algéria*, de Gioachino Rossini. A ópera só vai fazer sucesso numa nova montagem na Alemanha, mas Rossini logo se tornará um sucesso internacional.

1843
Richard Wagner estreia em Dresden, na Alemanha, sua ópera *O Navio Fantasma*, considerada a sua primeira obra prima.

1851
Rigoletto, de Verdi, estreia no Teatro La Fenice, em Veneza.

1853
Composta em apenas seis semanas, estreia em Veneza *La Traviata* (*A Desviada*), a ópera mais conhecida e executada de Verdi.

1859
A ópera mais popular de Charles Gounod, *Fausto*, estreia em Paris.

1861
Estreia no Teatro da Ópera Nacional, no Rio de Janeiro, a ópera *A Noite do Castelo*, de Carlos Gomes, o mais importante compositor das Américas de sua época.

1865

Tristão e Isolda, de Wagner, estreia em Munique.

1870

Já reconhecido, Carlos Gomes estreia em Milão – um dos centros operísticos mais importantes do mundo – sua ópera *Guarany*, baseada no romance de José de Alencar. O sucesso foi enorme merecendo elogios de Verdi. Em dezembro do mesmo ano, a ópera estreou no Rio de Janeiro e o compositor foi consagrado pelo público.

1871

Verdi estreia *Aída* na Ópera do Cairo.

1874

Em Viena, Johann Strauss estreia *O Morcego*, uma ópera leve e que faz um extraordinário sucesso.

1874

Boris Godunov, do compositor russo Modest Mussorgsky, estreia no Teatro Mariinsky, em São Petersburgo.

1875

Na Opéra Comique, em Paris, estreia *Carmen*, de Georges Bizet. A ópera escandaliza o público pela personagem de uma mulher que só é fiel aos seus sentimentos e, por isso, é assassinada. Até hoje, Carmen é a personagem de ópera mais querida das plateias em todo o mundo.

1893

Estreia da grande comédia de Verdi, *Falstaff*, mais uma de suas óperas baseada em Shakespeare.

1890

Estreia, em Roma, de *Cavalleria Rusticana (Cavalheirismo Rústico)*, de Pietro Mascagni. A obra é considerada a primeira ópera Verista, ou seja, que trata de temas e sentimentos das pessoas comuns e não de vultos históricos ou personagens do teatro clássico.

1876

Primeira apresentação do ciclo “O Anel dos Nibelungos”, de Wagner, na cidade de Bayreuth, na Alemanha. Composto por quatro óperas baseadas em antigas lendas da tradição germânica: *O Ouro do Reno*, *As Valquírias*, *Siegfried*, *Crepúsculo dos Deuses*. No total, as óperas podem levar, ao todo, 15 horas para a sua execução e costumam ser encenadas separadas ou em dois dias.

1896

A ópera de Puccini favorita por todas as plateias, *La Bohème (A Boêmia)* estreia no Teatro Régio de Turim.

1892

Ruggero Leoncavallo estreia, em Milão, sua ópera *I Pagliacci (Os Palhaços)*, também verista. Também com um único Ato, as duas óperas passaram a ser executadas na mesma ocasião.

1960

Estreia no Theatro Municipal do Rio de Janeiro a opereta infantil *A Menina das Nuvens*, de Villa-Lobos, chamada por ele de “uma Aventura Musical em 3 Atos”. A obra foi remontada no Municipal em 2015 com extraordinário sucesso.

1902

Claude Debussy estreia sua ópera revolucionária - *Pelléas et Mélisande* - na Opéra-Comique, em Paris.

1925

Alban Berg estreia sua ópera *Wozzeck* em Berlim.

1958

A ópera *Izaht*, de Villa-Lobos estreia no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, quarenta anos depois de sua composição.

1905

A ópera *Salomé*, de Richard Strauss, estreia em Dresden, na Alemanha.

1918

O compositor húngaro Béla Bartók estreia sua única ópera *O Castelo do Barba Azul* em Budapeste.

1926

A última ópera de Puccini, *Turandot*, deixada incompleta pelo compositor e completada por Franco Alfano, estreia no teatro La Scala, em Milão.

1928

Kurt Weill e Bertolt Brecht estreiam em Berlim *A Ópera dos Três Vinténs*, com grande sucesso. Ela se tornará um dos títulos mais interpretados na Broadway, em Nova Iorque e, na década de 1970, Chico Buarque de Hollanda se baseará nela para compor *A Ópera do Malandro*.

1935

A ópera *Porgy e Bess*, de George Gershwin, com um elenco exclusivamente de cantores negros, estreia em Nova Iorque.

1947

A opereta *Magdalena*, do consagrado compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos, estreia em Nova Iorque.

Ópera

Introdução

Ópera? Por que ópera? Essa é uma pergunta comum quando se quer apresentar esta arte aos jovens. Há muitas respostas, mas podemos começar com outra pergunta: por que não? Os jovens, assim como os adultos, poderão estranhar ou rejeitar a ópera. Mas há muitas razões para que eles gostem: pelo que ela é, e pelo que eles são. Vamos ver!

No final do século XVI, poetas, músicos, gente do teatro e da nobreza se reuniam para criar uma nova arte. Ela deveria colocar a emoção musical a serviço do teatro e da poesia, mas os resultados eram desanimadores. Até que estreia, em 1607, a obra *L'Orfeo*, de Claudio Monteverdi - um sucesso imediato. Como foi que ele conseguiu? Além da beleza da música e da história, Monteverdi conhecia o gosto do público e sabia criar bons espetáculos. E - o que é muito importante - ele fez tudo isso sem criar uma obra "fácil": *L'Orfeo* é sofisticada sem ser complicada.

Essa história trágica e apaixonada parece ter tanto a nos dizer que, em 1954, o poeta Vinícius de Moraes adaptou-a à realidade brasileira: Eurídice é uma moça que vem do Nordeste para morar numa favela carioca onde, no Carnaval, se apaixona por Orfeu, um sambista negro. A peça, *Orfeu da Conceição*, tem música de Tom Jobim. Pronto, outro grande sucesso. Em 1959, o cineasta francês Marcel Camus adaptou-a para o cinema, e o filme *Orfeu Negro* ganhou os prêmios mais importantes do mundo. Em 1999, o cineasta Cacá Diegues criou uma nova versão com música de Caetano Veloso. Mais um sucesso!

Mas a ópera também se consagrou pelo oposto da tragédia: a comédia. Dentro de nós trazemos um bocado de sentimentos, muitos deles em conflito. Há muito para nos fazer chorar, como, também, para nos fazer rir. Um dos destaques do Festival Ópera na Tela deste ano é a ópera *Gianni Schicchi*, uma comédia curta, tão engraçada

L'Orfeo
conta a história de amor entre o grande músico Orfeo e a bela Eurídice, que morre picada por uma cobra. Inconformado, Orfeo decide trazê-la de volta à vida, contando apenas com a beleza da sua música. Ele consegue, mas, contrariando as ordens de Hades, que governa o mundo dos mortos. Orfeo olha para Eurídice, que morre outra vez. Monteverdi sabia que ninguém queria voltar triste para casa e mudou o final: Apolo desce à terra para reunir Orfeo e Eurídice outra vez e, agora, para sempre. Pronto, todos adoraram.

que interessou a um dos maiores talentos do humor das últimas décadas: o diretor de cinema Woody Allen. A história do espertalhão Gianni nos propõe uma pergunta importante: seu golpe seria possível sem a ganância de suas vítimas?

Ópera é assim. Trata de coisas que, mesmo antigas, sempre nos interessam. Como grandes amores, coragem e medo, nossas lutas pelo que amamos, as confusões, o lado ridículo ou engraçado de todos nós. Isso pode ser trágico e violento ou divertido. Tudo com muita música, algumas vezes mais «pesada» do que banda de rock. Jovens são curiosos, rebeldes, inconformados e não dispensam boas gargalhadas. Por isso, e por muito mais que ainda há para descobrir, ópera é para eles!

Direção e Produção

Diretor Artístico ou Diretor Geral

Escolhida a ópera, será o momento de selecionar o Diretor Artístico ou Diretor Geral. Essa atribuição exige uma pessoa que tenha uma visão ampla da obra e que também seja capaz de reunir um grupo de diretores especializados - como é o caso de Woody Allen em *Gianni Schicchi*. O Diretor Musical é, em geral, o maestro que vai reger todos os músicos necessários: a orquestra, o coro, e os cantores solistas - protagonistas da ópera escolhidos por ele. O diretor artístico conta, ainda, com a ajuda importante dos maestros preparadores, que ensaiam com o coro e os solistas. Adiante, vamos poder detalhar melhor as funções dos outros diretores e técnicos envolvidos neste grande desafio.

Ao longo de trezentos anos, a ópera reuniu outras artes, tornando-se a mais popular de todas elas. Sua popularidade só foi superada no início do século XX pelo cinema. Cantores e cantoras eram suas estrelas, e havia diretores, técnicos e toda uma produção muito parecida com a do cinema atual. Isso nunca significou que a ópera tenha sido deixada de lado - se compararmos, veremos que hoje ela atrai muito mais pessoas do que nunca! Sem disputar com o cinema, ela se combinou com ele, criando uma arte inovadora, moderna, que tem reunido multidões em todo o mundo: o cinema de ópera. Nele, as óperas são concebidas para o palco dos teatros e para as telas e o Brasil já tem um grande encontro anual dedicado a esta nova arte: o **Festival Ópera na Tela**.

A ópera nasceu ambiciosa: teatro, música e poesia reuniram-se para fazer uma arte nova e grandiosa. O teatro contribuiu com a ação, a interpretação dos atores, cenários, figurinos, maquiagem, efeitos especiais - que já eram muito valorizados desde o século XVI. A poesia inventou uma maneira de contar a história de maneira atraente e clara, capaz de revelar e provocar grandes emoções. E a música trouxe tudo que havia criado: orquestras de instrumentos usados em teatros, igrejas e praças, os maiores coros e os melhores cantores. As questões eram muitas: como reunir tudo isso? Por onde começar? Quem comandaria o espetáculo?

As soluções encontradas se aperfeiçoaram ao longo do tempo, mas continuam as mesmas. Tudo começa pelos realizadores da ópera - um teatro, como o nosso Teatro Municipal, uma empresa de produção ou os dois juntos. Que ópera montar? Algumas já existem, outras são encomendadas a compositores e escritores - o primeiro comporá a música, o segundo escreverá o libreto, texto que conta uma história e que se parece com uma peça de teatro ou o roteiro de um filme. A diferença é que, na ópera, há momentos de ação - os recitativos - e momentos de reflexão, as árias. Recitativos fazem a história avançar e árias são como canções em que os personagens dizem o que sentem.

Cada ópera é pensada dentro do planejamento do que se chama **temporada** e que, em geral, se estende por quase um ano. Esta programação contempla, ainda, os espetáculos de balé, os de orquestra e coral juntos e separados, além de outras atividades. Ao pensar especificamente a temporada de ópera muitas coisas são consideradas. Deve haver drama e comédia, obras de diversos países e períodos da história, para atrair todos os tipos de público.

Personagens, Artistas, Representação, Direção de cena, Figurino e Maquiagem

Trabalho em equipe

O Diretor de Cena imagina cada personagem e suas inter-relações. Amor ou indiferença? Ódio ou perdão? Isso corresponderá a uma forma de agir, de movimentar-se, de se colocar em diversos lugares do palco, de assumir várias atitudes individuais e coletivas. Depois, o diretor ensaia todos os que estarão no palco e como deverão atuar, não esquecendo que irão cantar. Essa concepção teatral da ópera orientará a criação dos outros diretores. O Coreógrafo preparará os bailarinos, quando é o caso, e a movimentação de todos em cena. O Cenógrafo será responsável pelos cenários e elementos de cena, e, em geral, trabalha em conjunto com o iluminador, que dá ao espetáculo as cores e as luzes de cada momento. O Figurinista é o responsável pela concepção das roupas de todo o elenco e tem a colaboração de maquiadores e cabelereiros. Mais recentemente, outras técnicas vêm sendo incorporadas à ópera – como as projeções de vídeos, grafismos e fotografias, além de efeitos especiais cada vez mais sofisticados.

“Ópera é uma arte que se cria coletivamente, em grupo.”

Imagine uma longa mesa onde reúnem-se pessoas com talentos, formações e experiências diferentes e que devem se unir para dar soluções e o melhor resultado possível: a ópera. Cada artista deve se somar a outro, mas sempre considerando o todo. A primeira tarefa é conhecer profundamente a ópera escolhida. Ela deve ser estudada por todos, assim como os seus autores, a época em que ela foi composta, e o que sua ideia central quer transmitir. Essa é a primeira etapa do que se chama interpretação: o que se entende de uma obra e como comunicar essas ideias e sentimentos ao público – afinal, tudo se dirige a ele.

Todas estas concepções passam, depois, pelo trabalho minucioso de técnicos que concretizarão todas essas ideias. Cenotécnicos constroem os cenários e as estruturas de palco; costureiras, peruqueiros, adrecistas, eletricitas, marceneiros, contrarregras – um exército de profissionais especializados darão vida ao que, até então, eram palavras, desenhos, cálculos.

Enquanto isso, uma outra parte da concepção inicial vai ganhando vida. A personalidade, a maneira de ser, de cada personagem precisa ser trabalhada musicalmente. Para essa finalidade, os ensaios são acompanhados pelos diretores em conjunto de modo a desenvolver uma expressão coerente, atraente e que cativa a atenção e o interesse da plateia.

Encenação, Junção dos Elementos e Construção da Cena

O trabalho começa na imaginação, segue para o papel, para o computador, se reúne numa mesa, se constrói em salas de ensaio, se consolida em ateliês e oficinas. Todos estes elementos, todas as peças deste imenso quebra-cabeças precisam, agora, ser reunidos. Nesta etapa, o espetáculo precisa ganhar forma, em cada momento e na sequência da história contada; em cada cantor e no que é o mais importante para a ópera: o seu.

Os artistas passam das salas de ensaio para o grande palco do teatro onde o espetáculo irá acontecer. O Diretor de Cena faz as marcações no espaço real, o iluminador faz os primeiros testes de luz, a cenografia vai sendo montada. Agora, a orquestra ocupa um novo lugar: o fosso, um espaço mais baixo que o palco, de onde só o maestro vê o que está acontecendo no palco, e de onde vem a música quase como mágica. A todo momento, as coisas se interrompem para fazer correções, ajustes, até algumas mudanças do plano inicial. Não é raro que aconteça uma sensação estranha e incômoda de que nada vai dar certo..., mas o trabalho não para.

Quando tudo se reúne, uma outra equipe está a postos para atender às muitas exigências da maior e mais importante parte de um teatro de ópera: a plateia. Todas aquelas pessoas, toda a estrutura, tudo o que envolve a realização de uma ópera está dedicado a alguém sagrado: o público. A ópera foi tratada como

Atrás, abaixo e acima do palco de um teatro de ópera existe uma gigantesca estrutura que o público não vê. Em geral, ela é maior e mais complexa do que em qualquer outro teatro. Todo o palco, e até o fosso da orquestra, está montado sobre poderosos elevadores que podem – silenciosamente – movimentar qualquer uma de suas partes acima ou abaixo do seu nível padrão. No alto, há motores e guindastes capazes de levantar estruturas, cantores e bailarinos. Lá, também estão as varas, todas elas móveis, que sustentam a iluminação e, quase tudo está ligado por passarelas por onde os técnicos operam diversos mecanismos: uma infinidade de equipamentos pode produzir fumaça, vento, efeitos sonoros de tempestades, trovões, explosões, sons de animais e o que mais a imaginação dos diretores exigir.

informação por uma equipe de escritores, desenhistas, fotógrafos, comunicadores para que todos sejam informados pela imprensa, por programas, por sites na internet, do que, quando e aonde vai acontecer. As pessoas interessadas compram seus ingressos nas bilheterias, se arrumam e vão ao teatro onde são recebidas por recepcionistas que as orientam até seus lugares na plateia. A brigada de incêndio está a postos, os sinais avisam que o espetáculo vai começar. As luzes se apagam lentamente, o público faz silêncio, a orquestra está em seu lugar, a cortina se abre: **Silêncio! A ópera vai começar.**

Magia e Realização

De algum tempo para cá as óperas começaram a ser gravadas para transformadas em filmes ou, em alguns teatros, têm sido transmitidas simultaneamente para salas de cinema ao redor do mundo. Nestes casos, há outras equipes e equipamentos envolvidos que trabalham desde o início do processo, desde aquele momento em que um teatro ou um produtor resolveu realizar uma ópera. Produtores e diretores de cinema e televisão estarão presentes, então, desde o início.

Quando é assim, todas as etapas são planejadas e desenvolvidas para que a produção do espetáculo funcione bem tanto no palco do teatro quanto na tela do cinema ou da televisão. A expressão e movimentação dos cantores, a movimentação no palco, cenários, figurinos e, principalmente, a iluminação, tudo será diferente para atender às exigências deste novo e imenso público que estará assistindo em um cinema, na sala de sua casa, na tela de um computador, de um *tablet* ou de um telefone celular. As câmeras e microfones deverão ser posicionados de forma a não atrapalhar o público presente.

Mas quando tudo acontece, não é mais a máquina, a luz, a roupa, o gesto. Tudo o que a ópera reúne torna-se, como por encanto, um espetáculo mágico onde estão acontecendo amores, violências, situações trágicas ou engraçadíssimas. E, não se pode esquecer, com uma emoção muito maior e mais intensa provocada por algumas das mais belas músicas compostas ao longo destes quatrocentos anos de ópera. Tanto sucesso, tanta magia, tanta paixão para tanta gente e por tanto tempo, nenhuma outra arte, até agora, realizou. Mas uma parte da mágica ainda está prestes a se realizar.

Todas estas coisas contadas aqui foram criadas, inventadas, modificadas, transformadas, recriadas ao longo de séculos. Por muitas razões. Porque o público

Em geral, uma ópera começa com a orquestra tocando, sozinha, um trecho que se chama Abertura. Ela prepara o público para as emoções que virão, algumas vezes, antecipando os temas musicais dos personagens ou já apresentando as primeiras cenas. O coro, os cantores, os bailarinos e figurantes vão se apresentando em sequências que são originais a cada ópera, que contam a história do que está acontecendo. As vozes são diferentes de praticamente todas as outras formas de cantar. Elas vibram intensamente e podem parecer muito incomum a quem não está acostumado a elas. Mas é importante entender o porquê desse jeito de cantar. Cantores de ópera passam por uma longa e sofisticada educação vocal para desenvolver vozes potentes e resistentes, capazes de cantar músicas que os compositores vão usar no limite. O desafio deles, agora, será cantar num teatro imenso, lotado de pessoas, conjuntamente a uma grande e poderosa orquestra - e sem o auxílio de qualquer microfone ou equipamentos que amplifiquem suas vozes.

aumentou muito - e tiveram que construir teatros maiores, com mais músicos nas orquestras e nos coros. Porque o modo de contar as histórias mudou - e tiveram que mudar as músicas. Estes são alguns poucos, embora importantes exemplos deste longo e maravilhoso percurso. Um pouco dele foi resumido na Linha do Tempo, onde você também encontrará alguns de seus principais criadores.

Tomara que as descobertas feitas aqui animem você a fazer ainda muitas outras. Os teatros e os cinemas do Rio oferecem programação da melhor qualidade e há no mundo virtual centenas de óperas de todos os tempos, em produções antigas e moderníssimas com artistas de primeira.

Bom espetáculo!



PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL

Mais informações no site: www.operanatela.com



CAVALLERIA RUSTICANA /
PAGLIACCI
Festival de Salzburg



OS DOIS FOSCARI
Teatro Alla Scala de Milão



FAUSTO
Teatro Regio di Torino



GIANNI SCHICCHI
Ópera de Los Angeles



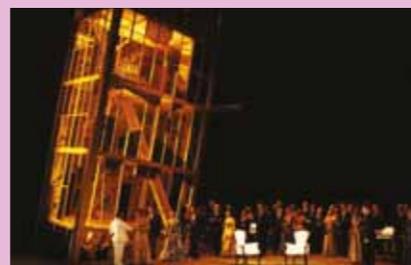
IOLANTA /
O QUEBRA-NOZES
Palais Garnier de Paris



LA TRAVIATA
Festival de Baden Baden



PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL



LUCIA DE LAMERMOOR
Gran Teatro Liceu
de Barcelona



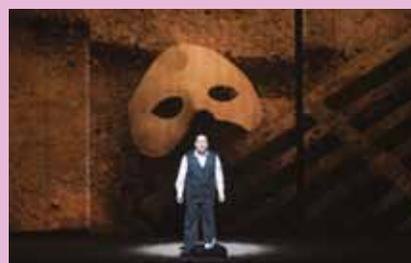
O NAVIO FANTASMA
Theater an der Wien Viena



OTELLO
Festival de Salzburg



PELLEAS E MELISANDE
Festival d'Aix en Provence



RIGOLETTO
Ópera de Paris



SANSÃO E DALILA
Ópera de Paris



O TROVADOR
Ópera de Paris



GIANNI SCHICCHI

De Giacomo Puccini (1858-1924)
Opera de Los Angeles
Maestro: Grant Gershon
Direção: Woody Allen e Kathleen Smith Belcher
Orquestra e Coro da Opera de Los Angeles
Elenco: Plácido Domingo, Arturo Chacón-Cruz,
Andriana Chuchman, Meredith Arwady

Não era raro que Dante transformasse seus desafetos em personagens, em geral, os da pior espécie e Gianni Schicchi foi um deles. Pode ser surpreendente que seiscentos anos depois, um outro gênio italiano, Giacomo Puccini, tenha escrito uma ópera burlesca baseada na história de Schicchi. Mas foi o que ocorreu, senhoras e senhores! Nesses caminhos tortuosos e nublados por onde se encontram, mais vezes do que esperamos, o trágico e o cômico, a erudição e a comunicação. Último trabalho concluído de Puccini – já que a ópera *Turandot* ficou incompleta – *Gianni Schicchi* é a terceira ópera da trilogia *Il Trittico*, que compreende *Il Tabarro*, um melodrama, e *Suor Angelica*, uma tragédia sentimental. Puccini queria que as três óperas formassem um conjunto, mas desde que estrearam no Metropolitan de



Nova York, em 1918, as plateias têm geralmente preferido *Schicchi* e muitas vezes ela é realizada sozinha. Não é incomum que grandes cineastas dirijam óperas e a ideia de que Woody Allen o fizesse é brilhantemente óbvia. Numa entrevista sobre como se sentia nessa nova função, ele declarou que o melhor é que continuava a ser quem era, sem tentar se passar por um temperamental diretor de divas: “Eu não tenho a menor ideia do que estou fazendo, mas incompetência nunca me impediu de me envolver com entusiasmo”. Nessa encenação de 2015, podemos assistir, ainda, ao desempenho impressionante de Plácido Domingo, numa especial oportunidade de vê-lo num papel cômico. A noite comemorava o trigésimo aniversário da Opera de Los Angeles e o filme foi exibido, depois, num telão, na Praia de Santa Monica, na Califórnia. O toque cômico de Woody Allen irá deliciar veteranos e novatos das plateias de ópera desde seu começo. Embora o libreto da ópera localize a ação na Florença de 1299, este *Gianni Schicchi* começa com uma montagem cômica de créditos no cinema, todos com nomes italianos satirizados como Giuseppe Prosciutto e Oriana Fellatio, enquanto uma banda toca “Funiculì, funicula”, ao fundo. Mesmo que um pouco boba, a brincadeira define o tom para quando a música de Puccini começa e a cortina sobe. Com cenários e figurinos de Santo Loquasto – colaborador de Allen de longa data – a produção tem a aparência e o estilo de um filme em preto e branco. Em uma casa de dois andares em Florença, membros de uma família grande e barulhenta estão em torno do leito de morte de seu parente rico, Buoso Donati. Há massas cozinhando no fogão, roupas penduradas nos varais e um menino praticando golpes de faca. Na verdade, eles se parecem mais com imigrantes italianos em Nova York nos anos 50 – ou o que aprendemos nos filmes como eles deveriam ser – do que com florentinos dessa mesma época. De todo modo, é uma delícia!



Depois de uma animada abertura, os violinos se entristecem: o recém-falecido Buoso Donati é pranteado por sua família. Os violinos desaceleram para uma imponência irônica, e logo se percebe que a preocupação da família é com a fortuna do morto. O velho, porém, deixou todo seu dinheiro para os monges. Prontamente, seus familiares engendram um plano para fazer o malandro Gianni Schicchi, pai de Loretta (a soprano canadense Andriana Chuchman), jovem que caiu de amores por Rinuccio, um rapaz da família Donati. Como são quase sósias, Gianni pode fingir ser o morto e mudar o testamento em favor da família. Loretta oferece um momento brilhante de beleza lírica da ópera, na ária O mio Babbino Caro, cantada para convencer o pai a participar da farsa – como se ele precisasse ser convencido! Uma bela melodia típica de Puccini, que associaremos distraidamente nos dias posteriores ao espetáculo. A melodia reaparece sempre que é preciso lançar um brilho romântico sobre a comédia, e Loretta é a inocente entre os canalhas, que Puccini tem o cuidado de desassociar do comportamento de seu pai. Na cena final, Schicchi aborda o público dizendo que, por seus pecados, Dante o enviou ao inferno. Mas ele pede a indulgência de todos, perguntando que melhor utilização para aquele dinheiro do que financiar o casamento de sua filha Loretta com Rinuccio? Fora alguns “cacos”, este é o único momento em que Woody Allen muda de maneira importante o original. A indomável Zita, uma das parentes traídas do falecido, volta à casa para vingar-se de Schicchi, em um final que não é original, e sim surpreendente.

Parceiros





LEI DE INCENTIVO À CULTURA

Patrocínio Master



PREFEITURA DO RIO
Secretaria Municipal de Cultura

SOFITEL
HOTELS & RESORTS

Patrocínio



Apoio Cultural



Realização



Ministério da Cultura

